Ñanduty
ISSN:2317-8590

As feituras das bonecas Abayomi como uma educação transgressora

Marta Quintiliano (PPGAS/UFG - carpemubuntu@gmail.com)

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre uma oficina de bonecas Abayomi ministrada por mim para os alunos indígenas da disciplina multimeios do curso de Licenciatura Intercultural da Universidade Federal de Goiás. As bonecas Abayomi são ativadoras de memórias afroafetivas que se tornam uma ferramenta pedagógica para uma educação engajada e transgressora nas escolas públicas e universidades federais. Pensando no papel desempenhado pelos estudantes indígenas que também atuam como professores nas suas comunidades. Estes, durante a sua formação, não têm contato com a discussão racial. Por isso, tornou-se necessária incluir uma aula sobre a cultura afro-diaspórica com a oficina de bonecas para reafirmar a necessidade do cumprimento da lei 10.639/2003 que trata da inclusão, nos currículos do ensino básico, da cultura e valorização da história afro-brasileira.

Palavras-chave: abayomi; educação; indígenas, afrodiaspórico.

The making of Abayomi dolls as a transgressive education

Abstract: This article aims to reflect on an Abayomi dolls workshop given by me to indigenous students of the multimedia discipline of the Intercultural Licentiate course at the Federal University of Goiás. Abayomi dolls are activators of afro-affective memories that become a pedagogical tool for an engaged and transgressive education in public schools and federal universities. Thinking about the role played by indigenous students who also act as teachers in their communities. These, during their formation, have no contact with the racial discussion. Therefore, it became necessary to include a class on Afro-diasporic culture with the doll workshop to reaffirm the need to comply with Law 10.639/2003, which deals with the inclusion in the curricula of basic education of culture and appreciation of Afro-Brazilian history.

Keywords: Abayomi; education; indigenous, aphrodiasporic.

Introdução

Sou uma mulher preta quilombola do cerrado, educadora social e pesquisadora que, ao longo da minha trajetória no espaço acadêmico, venho tensionando de forma coletiva para que a Universidade Federal de Goiás se abra para os nossos conhecimentos. Não basta inserir apenas nossos corpos. Pensar outras práticas pedagógicas dentro do ensino superior brasileiro é um desafio, apesar do número crescente de estudantes indígenas, negras/os quilombolas e negras/os na universidade devido às ações afirmativas que permitiram que esse território deixasse de ser majoritariamente branco e se tornasse um pouco mais colorido.

No entanto, para além da entrada, permanência, saída ou continuidade dos estudos na pós-graduação nas Universidades Públicas, há um tensionamento por parte dos estudantes para que haja mudanças pontuais nos planos político-pedagógicos para a inclusão dos nossos saberes.

O engessamento nos conhecimentos eurocêntricos não permite que alguns docentes trabalhem em sala de aula as epistemologias dos povos originários, negros quilombolas, negros. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus conhecedores (Oyewùmí 2018: 171).

Os nossos corpos de múltiplos saberes, ao transitarem no território acadêmico com as pinturas de jenipapos, turbantes, cabelos *black power*, tranças coloridas, nos tornamos a atração, é o exótico: "posso tocar no seu turbante?", "como faz pra lavar o seu cabelo?", "essa tinta sai?" são perguntas racistas que demonstram o desinteresse em conhecer a cultura dos sujeitos. Não são perguntas inocentes!

Para a pesquisadora Grada Kilomba cabe ao sujeito/a racista "[...] fazer a pergunta clássica e moral "Eu sou racista?" e esperar uma resposta confortável, o sujeito branco deveria se perguntar "como posso desmantelar o meu próprio racismo?" tal pergunta, então, por si só, já inicia o processo" (Kilomba 2019: 46). Cabe aqui, questionar se de fato esses sujeitos estão dispostos a refletir e mudar o seu comportamento em relação a nós. Com o discurso de que o racismo é estrutural, estão se apropriando do conceito para não se responsabilizarem por seus comportamentos racistas.

No mestrado em Antropologia Social da UFG conheci o professor indígena Júlio Kamêr Ribeiro Apinajé. Tínhamos longas conversas sobre a educação superior e as suas limitações até mesmo em "ouvir" outros conhecimentos, a escuta limitada. Para nós, a educação ultrapassa os bancos escolares e acadêmicos, sendo com os nossos mais velhos que aprendemos sobre a nossa cultura, história e origem, é no chão do território.

No caso da população negra há um agravante, o apagamento da história sociocultural, sendo ressaltada pela historiografia como os/as "escravas/os dóceis" que vieram para o Brasil sem lutar pela sua liberdade. Para a pesquisadora Beatriz Nascimento, desde que um homem/mulher negra pisou nesse território se recusou a ser propriedade de outro/a homem/mulher colonizador/a.

"Estabelecidos num espaço geográfico, presumivelmente nas matas, o quilombo começa a organizar sua estrutura interna de forma autônoma e articulada com o mundo externo" (Nascimento 2018: 76). Ou seja, quilombo é lugar de existência.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Em nossas conversas, explicava para Júlio a questão do negro no Brasil, a tentativa de destruição da memória, da língua que foram preservadas nas casas de candomblé, na capoeira. E foi a partir desse encontro que entendi o quanto era importante continuar com as oficinas que realizo de turbantes e bonecas Abayomi, que são as tecnologias com as quais alcanço pessoas e falo sobre questões que nos tocam profundamente: o racismo.

As bonecas Abayomi – O encontro precioso

A boneca no formato da Abayomi surgiu na minha trajetória em 2012, em uma oficina realizada no Lago das Rosas, na cidade de Goiânia, estado de Goiás. Porém, antes já ouvia minha mãe contar que fazia a sua própria boneca com retalhos, em outros momentos que usava o milho da plantação em seu estágio de granação que popularmente chamamos de "boneca do milho", para brincar.

E elas iam construindo as roupas dos retalhos que a minha avó fazia tapete, me lembro que na infância também brinquei com essas bonecas. Era bastante comum para famílias negras, principalmente as que moravam na zona rural, quilombos, uma vez que não tinham dinheiro para comprar bonecas.

Quando fiz a oficina com a professora Eliesse Scaramai, da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), ela contou a história da boneca Abayomi, criada no processo escravocrata quando as/os africanas/os eram trazidas/os de forma violenta nos navios negreiros de suas cidades de origem do continente africano para as Américas.

Entre as pessoas que eram escravizadas tinham as crianças que choravam por estarem distantes de seus familiares, pelas condições de exploração, e as mulheres africanas rasgavam as barras de suas saias para fazer a boneca com nó, para dar de presente para as crianças como forma de acalento/amuleto e afeto (para as crianças brincarem).

No entanto, existe outra narrativa, a de que as bonecas Abayomi foram criadas no Brasil no final dos anos 1980 pela artesã e socio educadora Lena Martins, em meio aos contextos de reorganização política da população negra e das mulheres negras em particular, decorrentes do processo de redemocratização (Santos, 2019: 4).

Ela realizou uma oficina no primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras, no Rio de Janeiro, como estratégia para falar sobre gênero, raça e sexualidade, bem como, se posicionar enquanto mulher negra. As narrativas da criação das bonecas não se sobrepõem, tampouco uma

anula a importância da outra. No cerne dessas narrativas estão a necessidade de se reafirmar a identidade negra e a de desenvolver afetos.

Depois da primeira oficina, desenvolvi uma afroafetividade, cabe aqui ressaltar que deriva do conceito afroafeto desenvolvido em minha dissertação de mestrado (Quintiliano, 2019). Ao chegar em casa, ensinei para as minhas sobrinhas e passamos uma tarde fazendo as bonecas e conversando. Entre uma boneca e outra, a minha mãe trazia histórias da sua infância, músicas e brincadeiras. Circulando assim a afroafetividade!

Neste exercício da afroafetividade coletiva percebi que deveria fazer as bonecas em outros espaços, em especial nas escolas públicas de Goiânia e Trindade/GO, onde há um maior número de crianças negras que constroem suas subjetividades a partir das relações com as professoras brancas, colegas e os demais funcionários. De acordo com pesquisador Flavio Santiago:

> O cuidar e o educar são elementos indissociáveis na Educação Infantil, e a afetividade construída nas trocas das fraldas, no acolhimento da chegada à creche, na hora da alimentação das crianças e nas trocas de olhares torna-se racista ao não garantir a construção das mesmas trocas afetivas para todas as crianças pequenininhas. Destaco que essa percepção a respeito dos bebês enquanto "sujeitos não ativos" e a potencialidade para o novo têm como referência a percepção de infância eurocentrada branca. O interessante é que esse mesmo referencial constrói marcas coloniais que distinguem as crianças negras pequenininhas antes mesmo do seu nascimento; os/as bebês negros/as, em nossa sociedade racista, são símbolo da reprodução da pobreza, da criminalidade, carregando consigo o legado racial instituído nas tessituras da colonialidade (Santiago, 2020: 15).

O mesmo acontece durante a vida escolar dos estudantes negros/negras, negros/as quilombolas em contexto urbano. Até mesmo em cidades pequenas ou rurais há relatos de professoras de fora do território que têm comportamento racista.

Realizar as oficinas nas escolas públicas me ajudou a curar feridas desenvolvidas na infância ao ser chamada de macaca, cabelo de bombril e outros adjetivos pejorativos que afetaram a minha vivência escolar. O silenciamento das professoras brancas que preferiam os alunos brancos e os protegiam mesmo quando eram racistas.

O método foto narrativas ou Fotovoz é uma técnica que consiste em fotografar e construir textos a partir das imagens que foram registradas, a ideia é dar "voz" e escuta a grupos minoritários, refletir sobre a sua realidade e buscar melhorias (Wang; Burris, 2007).

Ñanduty
ISSN:2317-8590

A oficina foi realizada na aula de multimeios ministrada por mim para os estudantes indígenas da Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. A sala contava com 37 alunos de vários povos, sendo a maioria de homens e três mulheres com suas filhas que também participaram da confecção das bonecas.

Por sentir a necessidade de inserir conhecimentos da cultura negra e negra quilombola em cursos na universidade, propus para a aula de sábado fazermos as bonecas Abayomi. Logo após a explicação sobre o continente africano, em específico sobre os países dos quais os africanos vieram escravizados para o Brasil e a influência da língua, comida e cultura, fizemos a boneca Abayomi para cada estudante. A atividade, incluía pensar em um nome e um sobrenome para batizá-las, e também dizer se a boneca era casada, se tinha família e/ou profissão, ou seja, criar uma narrativa. Assim sendo, as oficinas de Abayomi foram uma oportunidade de ouvir os estudantes indígenas sobre as suas percepções.

Construindo a boneca Abayomi com os estudantes indígenas

Para cada oficina que vou ministrar, uma semana antes, construo algumas bonecas para servir de exemplo. A boneca com vestido vermelho na imagem abaixo foi construída para servir de exemplo na aula dos estudantes indígenas.

Foi feita em um domingo em que ventava no quintal de casa e as árvores conversavam entre si, por isso a batizei com o nome de um dos orixás mais importantes. O nome dela é Exu.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Figura 1 - Exu, a Deusa da Comunicação



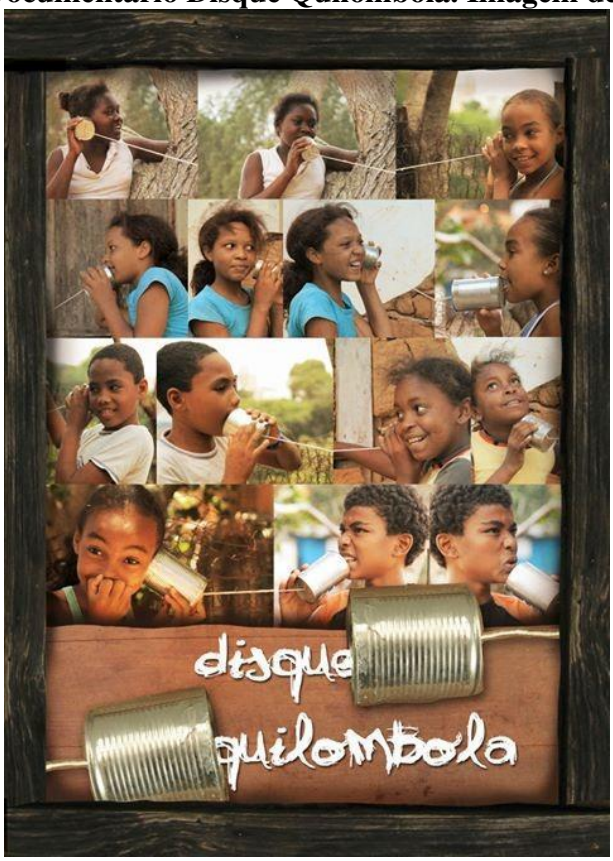
Fonte: Arquivos da autora (2023).

Nas aulas que ministrei no primeiro semestre de 2023, no curso de multimeios, o mesmo que já tinha ofertado no segundo semestre, percebi a necessidade de trazer a historiografia dos povos africanos e afrodiaspóricos, os costumes, as línguas, os grafismos e as vivências, uma outra narrativa que não fosse apenas da barbárie e da escravidão.

Ao me apresentar na sala de aula como uma professora negra quilombola não aprofundava sobre, afinal temos que cumprir o plano de ensino. No entanto, alguns alunos viam me perguntar sobre o que é um quilombola? Explicava para eles, porém ousei a ir além das conversas, do plano de aula e trouxe um documentário chamado “Disque quilombola” que é narrado por crianças da comunidade quilombola São Cristóvão, em São Mateus, norte do Espírito Santo (ES), e crianças que moram no morro de São Benedito, na cidade de Vitória (ES), uma descontraída conversa sobre como é morar em seus territórios e descobrir semelhanças entre as comunidades.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Figura 2 - Documentário Disque Quilombola. Imagem de divulgação



Fonte: Reeks (2012).

Ao final da exibição solicitei que cada estudante indígena falasse sobre o documentário e também sobre as semelhanças com a sua comunidade, caso houvesse. Eles relatam que as semelhanças eram enormes e apontaram a alimentação, o território espaçoso para as brincadeiras. “Há uma proximidade cultural entre as populações, os dois grupos vivem de maneira simples e integrada a natureza tirando a maior parte do seu sustento da terra”.

Para além das discussões e exibição do documentário, no primeiro semestre, levei a proposta da confecção das bonecas Abayomi, já para o segundo semestre, com intuito de trazer um debate acerca da Lei 10.639/2003; visto que em um curso de Licenciatura que forma professoras/es indígenas para as séries iniciais das escolas de suas comunidades, é importante que eles e elas saibam da obrigatoriedade da temática da História e da Cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino, assim como da história da população indígena.

A aula foi intitulada como “A importância de conhecer a sua história e cultura” conforme a imagem abaixo da capa inicial de apresentação em que trouxe algumas imagens, símbolos importantes que nos acompanham desde a travessia do atlântico como: a sankofa,

Ñanduty
ISSN:2317-8590

simbolizada por um pássaro mítico que representa "[...] a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor" (Dicionário de símbolos, *online*).

As comidas tradicionais pamonha e doce de mamão verde, esses alimentos eram produzidos em larga escala na minha comunidade, sendo assim, vários pratos eram feitos a partir desses insumos. Ainda na imagem estão os líderes Zumbi e Dandara de Palmares, de um dos maiores quilombos do Brasil, situado na Serra da Barriga, em Alagoas.

Figura 3 - Slide



Fonte: Arquivos da autora (2023).

Após a explicação, as/os estudantes trouxeram algumas perguntas sobre as comunidades quilombolas, identificaram semelhanças tais como o ritual dos nomes, comida, plantação, e as violências territoriais. Logo em seguida fomos para a confecção da boneca Abayomi. Confesso que pensei que haveria uma recusa da proposta de colocar em prática, porém houve uma recepção positiva, mas houve alguns comentários tais como: "isso é um vodu?", "Vamos fazer um vodu?" Expliquei para eles que a forma como estavam falando era preconceituosa e que eles estavam repetindo o discurso da branquitude. Expliquei o que era um vodu.

Logo, compreenderam e seguimos com a feitura das bonecas com a minha orientação. Na imagem abaixo, de um dos slides, mostrei as possibilidades de tamanhos e roupas, sendo que as bonecas são feitas de nó com malha preta, e as roupas bem coloridas ou conforme quiserem.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Figura 4 - Abayomi: o encontro precioso.



Fonte: Arquivos da autora (2023).

As violências no processo de escravidão nos tiraram a possibilidade de ter um nome e sobrenome de origem africana, por isso a boneca é uma oportunidade de escrever uma história de liberdade e afroafetividade assim como as mulheres africanas faziam na travessia para acolher as crianças e ao tentar proteger a subjetividade delas das violências do Navio Negreiro. Logo abaixo, trouxe algumas bonecas feitas pelos alunos indígenas que terão as suas identidades preservadas, colocando apenas o nome do seu povo e as iniciais do seu primeiro nome. A primeira boneca se chama Ana Maria Kamayura, feita por J. Kamayura, um dos alunos indígenas que preferiu manter ela nua, em homenagem a sua avó que gostava de liberdade.

Fazendo uma correlação com a proposta da boneca Abayomi estar vestida pelas violências que os nossos corpos tanto masculinos quanto femininos negros foram submetidos a estupros e à exposição nos espaços públicos como mercadoria, e o J. Kamayura traz outra perspectiva de liberdade.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Figura 5 - Abayomi. Foto: J. Kamayura.



Fonte: Arquivos da autora (2023).

A segunda boneca se chama Suzana Xàprê Krahô nome dado por seu bisneto como forma de homenagem a sua memória. Segundo ele, a sua avó era uma mulher guerreira que deixou muitos conhecimentos para os seus filhos e netos. *"Então eu fiz essa bonequinha especialmente para a minha bisavó, o nome dela era Suzana Xàprê uma das guerreiras, né? Que deixou para sua geração, e um sou eu. Sou muito feliz por estar participando dessa aula tão importante né professora? De apresentar e homenagear a minha avó, é uma aula de saber coletivo" (P.* Krahô)

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Figuras 6 e 7 - Abayomi. P. Krahô (à esquerda) e Abayomi "Mônica". M. Krahô




Fonte: Arquivos da autora (2023).

A terceira boneca se chama Mônica: "é minha prima, ela participa da cultura, ela corre com a tora no tradicional e joga bola e aí coloquei o nome dela" (M. Krahô).

De acordo com a estudante indígena L. Gavião, a sua bonequinha ganhou o nome da sua tia, Cawe, que é uma liderança trabalhadora, que gosta de pescar, de colher as frutas nativas do Cerrado. No costume do seu povo, quando uma mulher parir o seu filho, batiza-o com o nome de um familiar que poderá ser do avô, do pai, da mãe. O nome foi dado em homenagem a sua tia, uma mulher guerreira que gosta de cantar e fazer muitas coisas em prol do bem estar da aldeia.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

Figura 8 - Abayomi. Foto: L. Gavião.



Fonte: Arquivos da autora (2023).

Os alunos se dedicaram a executar a atividade proposta e sair um pouco do plano de aula de multimeios que tem como objetivo ensinar os alunos utilizarem os recursos virtuais que a universidade oferece, como por exemplo: entrar no Sigaa – UFG, baixar os aplicativos do Restaurante Universitário, entre outros.

A Educação de fato transforma a visão de mundo dos sujeitos. A oficina oportunizou que os estudantes refletissem sobre a cultura afrodiaspórica a partir das suas vivências em suas comunidades. Todas as apresentações foram para homenagear uma pessoa da comunidade seja ela adulta, criança ou já falecida, as suas atribuições para com o coletivo trazer alegria, coragem, força e afeto para os demais.

E um dos objetivos da oficina de boneca Abayomi é exatamente trazer uma outra narrativas sobre a história dos povos africanos que foram escravizados, porém que deixaram o seu legado por onde passaram através da música, agricultura, língua, arquitetura e sobretudo o Afroafeto e tantas outras heranças ao longo do tempo, que foram atribuídas à branquitude ou demonizadas. Em concordância com "bell hooks “[...] quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer a capacitar os alunos [...] (hooks, 2020: 35).

Ou seja, aluno e professor devem experimentar juntos o processo de aprendizagem, e é sobre correr riscos e partilhar conhecimentos. Nós que estamos dentro da estrutura das Universidades temos que tensionar com os nossos conhecimentos e os nossos corpos territórios.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

E para [não] concluir

Durante a apresentação, os estudantes reforçaram a importância de estarem fazendo a oficina da boneca Abayomi e conhecendo um pouco da cultura dos povos afrodiaspóricos. A cada fala era possível perceber a conexão entre a prática e a teoria ministrada em sala de aula, eles/as levaram para o seu contexto social e trouxeram histórias interessantes sobre os seus ritos, e principalmente a escolha do nome.

Para a pesquisadora Maria Socorro Pimentel "[...] é necessário uma construção de práticas pedagógicas inovadoras de congregação de todos/as envolvidos/as nos processos de retomadas de valores e saberes" (Silva, 2017: 204).

Sendo assim, desenvolver a oficina possibilitou que os alunos indígenas pudessem conhecer outros saberes e costumes de povos negros/as quilombolas e negros/as que convivem nos mesmos territórios, e as lutas e vivências se parecem. "É quando percebemos como as nossas lutas se assemelham, e como as outras populações tradicionais buscam reafirmar suas identidades, assim como nossas populações indígenas o fazem" (Corrêa [Xakriabá], 2018: 58).

No final da oficina uma mãe indígena com sua filha veio falar comigo, pediu alguns retalhos e a malha, pois sua filha tinha gostado de fazer as bonecas Abayomi. Pronto, os encontros preciosos acontecendo assim como foi pensado pelas mães africanas na travessia para as Américas sendo ressignificada por outras mães que estão construindo juntas com suas filhas amuletos de resistência e de afetos.

E de nó em nó vamos construindo espaços de reflexões acerca das ausências de nossas epistemologias na academia. Porém, ações "paliativas" tais como: acrescentar um autor/a indígena, negro/a quilombola e negro/a nos planos de ensino não são suficientes para atender a demanda por epistemologias que contemplem a todas/os.

Referências:

CORRÊA, Célia Nunes. 2018. *O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada.* Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília.

DICIONÁRIO de símbolos. *Online*. In: www.dicionariodesimbolos.com.br (acessado em 10 de agosto de 2023.

hooks, bell. 2020. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.

Ñanduty
ISSN:2317-8590

KILOMBA, Grada. 2019. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo, Stamppa.
BRASIL. Lei Federal nº 10.639, 2003.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. 2018. *Beatriz Nascimento Quilombola e Intelectual: Uma possibilidade nos dias de destruição*. Diáspora Africana, Editora Filhos da África.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. 2018. "Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas". Tradução para uso didático de Oyèrónké Oyěwùmí. "Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies". In: CODESRIA, Gender Series. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms.* Dakar, Codesria, p. 1-8.

QUINTILIANO, Marta. 2019. *Redes afro-indígenoafetivas: uma autoetnografia sobre trajetórias, relações e tensões entre cotistas da pós-graduação stricto sensu e políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Goiás*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás.

REEKS, David. 2012. Disque Quilombola. In: https://fcs.mg.gov.br/alo-quem-fala (acessado em 4 de outubro de 2011).

SANTIAGO, Flavio. 2020. "Não é Nenê, Ela É Preta": Educação Infantil E Pensamento Interseccional". *Educação em Revista*, Belo Horizonte, 36 (220090): 1-25.

SANTOS, Caroline Lima dos. 2019. *Narrativas que cruzam o atlântico: bonecas Abayomis e as histórias contadas por ativistas negras.* Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em História, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

SILVA, Maria do Socorro Pimentel da. 2017. "A pedagogia da retomada: descolonização dos saberes". *Revista Articulando e Construindo Saberes*, Goiânia, 2 (1): 1-14.

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. 2007. "Photovoice: Concept, methodology, and use forparticipatory needs assessment". *Health Education & Behavior*, United Kingdom, 24 (3): 369-87.